

1. PORTO DE ORIGEM

Em outras palavras, é mais importante ter idéias do que conhecer verdades; é por isso que as grandes obras filosóficas, mesmo quando não confirmadas, permanecem significativas e clássicas. Ora, ter idéias significa também dispor de uma tópica, tomar consciência do que existe, explicitá-lo, conceituá-lo, arrancá-lo à mesmice, à *Fraglosigkeit, Selbständigkeit*. É deixar de ser inocente, e perceber que o que é poderia não ser. O real está envolto numa zona indefinida de com-possíveis não-realizados; a verdade não é o mais elevado dos valores do conhecimento.

Paul Veyne

Em *A Descoberta da Lentidão* (1989), romance-biografia de John Franklin (1785-1847), navegador e pesquisador inglês que realizou diversas expedições ao Polo Norte à procura da lendária Passagem Noroeste, S. Nadolny nos apresenta a história de vida de um homem que, desde criança, era considerado lento no falar, no pensar e no reagir; organizando e medindo o tempo de acordo com seus próprios padrões. Acompanhando o relato de sua história, de suas viagens, deparamo-nos com um personagem que, frente a acontecimentos que dependiam de reações ágeis e imediatas, captava peculiaridades e detalhes que só ele percebia. Para o capitão, como pode-se acompanhar neste e em outros diálogos durante a narrativa, a ordem não era uma coisa estabelecida:

- E agora, sobre o que ficou para trás, Sr. Franklim – disse o capitão Dance –, dê-me uma notícia resumida!
- ...
- Mais depressa Sr. Franklim! O que há mais para refletir? O senhor estava lá! – John também estava preparado para isso.
- Quando eu descrevo, Sir, uso o meu próprio ritmo. (Nadolny 1989: 86)

Que relações estabelecer entre a experiência e a realidade, entre a descrição, construção, análise, interpretação, enfim, entre o ritmo do narrador, da narrativa, daquilo que é narrado, e, finalmente, do leitor da narrativa? A inevitabilidade do nosso envolvimento na história aponta para o fato de que o que quer que possamos ter da verdade não será obtido apesar de nossa situação histórica mas devido a ela.¹ Estratégias de

1 Como assinala Merleau-Ponty,

considered superficially, history destroys all truth, though considered radically it founds a new idea of truth. As long as I hold the ideal of an absolute spectator before me, of knowledge without a point of view, I can see my situation only as a principle of error. But having once recognized that through this situation I have become part of all action and all knowledge that can be meaningful for me, and that it contains, in gradually widening horizons, all that can be for me, then my contact with the social in the finitude of my situations reveals itself as the origin of all truth, including that of science; and since we have an idea of truth, since we are in the truth and

afirmação da verdade que apontam posições diversas têm sido estabelecidas das mais variadas formas, e as narrativas têm trilhado diferentes veredas.

Neste livro, pretende-se configurar uma dentre as rotas estabelecidas pelas narrativas, tendo como porto de origem a mudança de regime discursivo operada na época das grandes navegações. A verdade, toda verdade, nada mais do que a verdade. A idéia de que uma verdade eterna, universal, onipresente, deve ser descoberta por qualquer um de nós, parece ser uma idéia dominante em nossa civilização. Entretanto, como reiteradamente apontou M. Foucault (1979, 1979a, 1992), essa idéia nem sempre esteve presente, ela surge em um momento histórico determinado, quando se abandona as técnicas de produção da verdade,² e volta-se para a constatação da verdade.

Viajantes, exploradores, missionários, naturalistas e etnógrafos têm realizado, desde a época das grandes navegações, longos percursos em aventuras variadas, produzindo e trazendo na volta relatos de lugares mais ou menos estranhos, formas de plantas e de animais até então desconhecidas, experiências com povos exóticos. Filósofos e educadores, historiadores e naturalistas, poetas e artistas, assim como contadores de histórias, têm produzido relatos de povos que ora parecem mais selvagens, ora mais idílicos, ora mais complexos do que eles próprios. Examinaremos algumas configurações dessas narrativas, sua escrita, seus diálogos.

Para tal, parte-se dos *Diários da descoberta da América*, de Cristovão Colombo (1986). Momento de demarcação e estabelecimento de fronteiras temporais-espaciais: fronteiras geográficas, políticas, econômicas, culturais, físicas e espirituais. Momento em que se configura o mundo como um espaço infinitamente grande, mas passível de conhecimento, em contraposição ao espaço limitado do mundo medieval, comandado por um imenso poder ininteligível.

Como contraponto, outra viagem. As aventuras do *ingenioso hidalgo* Dom Quixote de la Mancha. Momento em que o universo a ser conhecido se desdobra em um mundo de signos e de rastros. Estratégia diferente de produção da verdade empreendida pelo cavaleiro andante. – Nossa intenção?

Trata-se de mapear como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos/narrativas que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Trata-se de examinar a constituição de políticas da verdade (da e na narrativa) que demarcam fronteiras, colocando de um lado, a positividade, a realidade, a certeza, a relatividade e o útil;

cannot escape it, then the only thing left for us to do is to define a truth within a situation. (Merleau-Ponty "The Philosopher and Sociology", 1951; apud Scholte 1986: 26)

2 A prova não tinha como fim último o estabelecimento da verdade, mas sim a produção desta.

A velha e bastante arcaica prática da prova da verdade em que esta é estabelecida judiciariamente não por uma constatação, uma testemunha, um inquérito ou uma inquisição, mas por um jogo de prova. (Foucault 1979: 26.)

e do outro, a fantasia, o fictício, o impreciso, o absoluto e o ocioso. Momento de transformação das fronteiras narrativas; fronteiras móveis de produção da verdade.

Se nos voltarmos para a *Poética* de Aristóteles, veremos que este, apesar de apontar o poeta como podendo urdir uma trama com diferentes unidades, por estar livre da sucessão linear da escrita da história, não colocava como impossível o aparecimento dos acontecimentos e personagens históricos na tragédia: “nada impede que algumas das coisas que realmente aconteceram pertençam ao tipo das que poderiam ou teriam probabilidade de acontecer” (Aristóteles 1973 [1451ab]). As fronteiras que demarcavam os dois campos, poesia e história, têm sido consideradas elásticas e permeáveis. Os relatos de viagem, por exemplo, já foram incluídos tanto no campo da história como no da ficção (cf. Veyne 1982). Não surpreende, portanto, encontrar coincidências de preocupações. No século XVIII, como veremos no terceiro capítulo, o núcleo desses pontos em comum em termos de preocupação inclinava-se na direção da relação entre a ética e a verdade da narrativa.

Como aponta H. White em *The Historical Text as Literary Artifact* (1978), antes da Revolução Francesa a historiografia era vista como arte literária. Reconhecia-se ser inevitável a utilização das *técnicas ficcionais* na representação dos eventos reais na forma de discurso histórico. A oposição entre *belles Lettres* e *Lettres savantes*, encontrada, depois da emancipação da literatura, somente seria consumada no século seguinte (cf. Viala 1985).

No final do século XVIII, início do XIX, dentre os múltiplos domínios que emergem do desdobramento e da fragmentação da linguagem, uma nova concepção das relações entre literatura (romance) e história iria se formar. Formas particulares de representação que apontariam, por um lado, para a ordem da imaginação, o ficcional, e, por outro, para a ordem do acontecimento – a história (cf. Lima 1984, 1986). Novo traçado, outra fronteira, novos personagens: uma nova viagem que iremos acompanhar em nosso quarto capítulo.

Naturalistas, comerciantes e aventureiros saíram em busca de fatos, riquezas e experiências. Novas verdades serão produzidas. Às vezes boas, outras ruins, mas sempre com um certo valor deontológico. Verdades que dialogam entre si, recortando, ordenando, classificando. Verdade da Ciência, outras verdades. Outras verdades, novas viagens. Novos meios de produção da verdade em lugares nunca antes navegados. As perguntas: como e onde produzir a verdade, em que condições, que formas observar, que regras aplicar, serão respondidas pelos novos argonautas do saber de uma maneira completamente inovadora. A verdade e nada mais do que a verdade, só pode ser atingida mediante a passagem do inquérito para a observação. E quando se fala em observação quer se dizer mais do que um simples olhar distante; pelo contrário, para se ter a verdade, tem-se um preço a pagar: a saber, a observação não poderá mais ser feita seja do gabinete nas metrópoles, mediante o inquérito levado a cabo por observadores (treinados ou não), seja por pesquisadores no campo que irão inquirir diretamente os nativos (mediante interpretes ou não); trata-se agora de participar da observação a ser feita. O preço a ser pago para a obtenção da verdade é a participação-imersão do

sujeito que observa na vida dos objetos observados, transformando esses últimos, surpreendentemente, em sujeitos.

Esta questão nos remete à distinção proposta por Benveniste em “As relações de tempo no verbo francês” (1976), entre narrativa (ou história) e discurso. Neste artigo, Benveniste mostra como certas formas gramaticais (como o pronome *eu*, e sua referência implícita *tu*), indicadores pronominais ou adverbiais e, ao menos em francês, alguns tempos do verbo (como o presente, o passado composto ou o futuro), se encontram reservados ao discurso; ao passo que, a marca da narrativa está no emprego exclusivo da terceira pessoa e de formas como o aoristo (passado simples) e o mais que perfeito. Como chama atenção Genette, em “Fronteiras da Narrativa” (1976), essas diferenças podem ser reduzidas a uma oposição entre a “objetividade da narrativa” e a “subjatividade do discurso”. De um lado, a narrativa da verdade, o conhecimento positivo, o lugar do sujeito-cientista e, de outro, o discurso imaginário, o lugar da subjatividade do sujeito.

Será possível dizer: por trás, uma nova verdade? Será que com essa nova forma de saber teria se produzido uma verdade que deve passar necessariamente pela subjatividade do sujeito para que então possa se constituir enquanto conhecimento positivo? Esta nova forma de produção da verdade, que em alguns momentos privilegia o saber da testemunha, memória empírica daquilo que foi visto e vivido pelo sujeito, e que em outros, toma como guia o saber do filósofo, memória mais profunda, transcendental; às vezes, tenta conjugá-los. Será que se está diante de novos especialistas do universal que viriam trazer a boa nova? Ao fim e ao cabo, estaremos como Édipo, condenados a desvendar (agora pela ciência) o enigma da verdade, ao juntar as duas metades? Será que, como nos avisara Nietzsche, depois de tanto andar, tanto mar, Platão a nos esperar...

Nas configurações da narrativa fronteiras que pareciam definitivamente estabelecidas apontam para novas dinâmicas, novos arranjos, e emergem enquanto possibilidade de produção de novos traços. Renuncia-se à procura do além ou do aquém da cultura. A descrição passa a ser entendida, em si mesma, enquanto construção. Elimina-se o postulado da descontinuidade entre a experiência e a realidade. As narrativas são, em si mesmas, interpretações. Interpretações de interpretações. O olhar se volta novamente para a narrativa; a escrita da história e a escrita da antropologia não se encontram separadas da história e da etnografia. Isto não significa que se postule simplesmente a necessidade de revisão do método; pelo contrário, significa sim colocar a própria noção de método (etnográfico, histórico) em xeque. Implica entender o conhecimento histórico e etnográfico, enquanto formativos. Enfim, implica postular que história e historiografia, antropologia e etnografia são uma e mesma coisa.

Isto significa, antes de mais nada, pensar a reintrodução da narrativa literária, ficcional, polissêmica, que havia sido colocada em um outro registro. Os textos literários (metafóricos e alegóricos), compostos de invenções (ao invés de fatos observados), que permitem o acesso de emoções, especulações e o gênio subjetivo dos autores, lugar portanto por excelência da multiplicidade de sentidos, retornam ao

centro do questionamento sobre a possibilidade de se dizer a verdade. A linguagem é agora elemento fundamental da própria construção do real.

As ficções da linguagem literária, condenadas cientificamente (e apreciadas esteticamente), exatamente por faltar-lhes univocidade,³ retornam na própria escrita que se faz necessária para o saber antropológico (em tudo o que se pode saber do homem). A narrativa da viagem, do exótico e do diferente encontra-se com a literatura enquanto construção de algo que pode ainda não existir de fato, mas que *deve* existir, por múltiplas razões. Contra o poder, levanta-se a bandeira do saber. Nesta luta, saber e verdade se entrelaçam, constituindo um novo lugar. Como resultado, efeitos inesperados: produção de novas autor(idades). Entre o silêncio e o diálogo, parafraseando P. Clastres, podemos dizer que se continua à procura do último.

Nossa intenção, neste trabalho, é de redistribuir as narrativas da verdade segundo novos eixos problemáticos que fazem ressaltar analogias inesperadas, filiações desconhecidas, cumplicidades imprevistas, e também novos mapas, novos recortes. Pretende-se realizar uma história genealógica, que, como chama atenção F. Châtelet (1977), é também uma geografia da filosofia; esta designação, geografia da filosofia remete “para uma visão *espacial* da filosofia”.

Esta, embora tenha inventado a transcendência, é, como a matemática, uma superfície. Daí que só a possamos trabalhar corretamente fazendo a sua projeção sobre um plano, isto é, considerando-a num espaço. Uma geografia das idéias, assim concebida, permite compreender como essas mitologias racionais que são os sistemas filosóficos são os elementos de polêmicas intelectuais, que entram, elas próprias, nas estratégias políticas. (Châtelet 1977: 41-42)

Se se concorda com Thomas Kuhn (1975) que tornar-se membro de uma comunidade científica envolve o aprendizado de um paradigma, o que aqui se propõe é uma estratégia de aprendizado. Estratégia que pretende, antes de mais nada, produzir novas configurações de verdade nas ciências humanas.

3 Refletir sobre essas questões significa dialogar com idéias como as de G. Braithwaite, personagem-pesquisador da verdade histórica em *O Papagaio de Flaubert*, que em sua apreciação sobre a história diz que

Podemos estudar arquivos durante décadas, mas com muita frequência nos sentimos tentados a jogar tudo para o alto e declarar que a história é meramente outro gênero literário: o passado é ficção autobiográfica fingindo-se de relatório parlamentar. (Barnes 1988: 100-101)